Lutas e conflitos das comunidades cristãs

Uma re-leitura de Lucas 4,1-13 (A tentação de Jesus)

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo não é exegético, ou seja, não visa a compreensão do texto bíblico à época em que ele foi escrito. Não é uma descrição do sentido teológico e histórico do texto bíblico para a comunidade de Lucas. O que faremos neste artigo será uma *releitura* de Lucas 4,1-13. Tentaremos perceber como o texto da tentação de Jesus ilumina alguns aspectos da cominhada das comunidades cristãs hoje. Buscaremos, também, verificar como o texto da tentação de Jesus ilumina alguns aspectos da vida e trabalho de agentes de pastoral (leigos e ordenados) na atualidade.

Esta releitura tem uma longa história. É fruto de uma caminhada pessoal e comunitária. Foi sendo forjada em vários cursos com estudantes de teologia, e em vários cursos e momentos celebrativos com comunidades cristãs – tanto evangélicas como católicas. É, porém, uma história contada a partir de uma perspectiva pessoal, por isso tem os seus limites. Se aqui esta releitura é apresentada, não tem a pretensão de ser *a* releitura de Lucas 4,1-13, ou de ser um manual para a vida de comunidades e de agentes de pastoral. É partilha de *uma* experiência de caminhada cristã, de *uma* releitura bíblica. É, portanto, convite para novas e mais ricas releituras do texto lucano.

O TEXTO DE LUCAS 4,1-13

Uma releitura, porém, não pode ser arbitrária – não pode ser fruto da invencionice do leitor do texto. Precisa ser *fiel* ao espírito da escritura sagrada. Assim, iremos começar destacando os principais aspectos do texto bíblico, que serão nosso norte e guia para a releitura. Vamos iniciar, portanto, dando um mergulho

no texto, para voltarmos à superfície da vida atual com a nossa bolsa cheia dos tesouros submersos nas águas da Palavra.

O relato possui uma introdução, que é uma espécie de resumo de todo o texto (4,1-2a), o relato das tentações, propriamente dito (2b-12), em uma série de três tentações (2b-4; 5-8 e 9-12), e uma conclusão (v. 13). Em síntese, o diabo apresenta o projeto messiânico como um caminho de auto-afirmação, autoglorificação e auto-engrandecimento. Jesus, por sua vez, mostra que o projeto messiânico é um projeto de serviço ao Pai e solidariedade para com a humanidade.

Em Mateus e Marcos, o relato da tentação vem logo depois do relato sobre o batismo de Jesus. Lucas, porém, coloca a genealogia de Jesus entre os relatos do batismo e da tentação. Isto indica uma das peculiaridades da teologia de Lucas – Jesus é descrito como *o humano*. Enquanto Mateus destaca a descendência davídica de Jesus, Lucas acentua a descendência adâmica do Filho de Deus. Para Lucas, Jesus é o modelo do ser humano, o novo Adão e o centro de toda a história humana. (Para outros aspectos do Evangelho de Lucas que confirmam esta interpretação, consulte-se: Pablo T. Montero, "Los Relatos Sinópticos de la tentación de Jesús: Redacción y Teología", *Estudios Bíblicos* 49 (1991): 288-309; e H. Conzelmann, *El Centro del Tiempo. La Teología de Lucas*, Ediciones Fax, Madri).

Outro aspecto específico de Lucas, comparado com Mateus, é a ordem das tentações de Jesus. Lucas inverte a ordem da segunda e terceira tentações, a fim de destacar: a tentação no Templo de Jerusalém (Jerusalém é importante no arranjo teológico de Lucas-Atos), e de colocar as tentações sobre os milagres do "Filho de Deus" em forma de paralelismo quiástico. A segunda tentação, sobre o poder e os reinos deste mundo, parece ocupar – nesse arranjo estrutural – o papel mais importante.

Também é importante perceber que as passagens bíblicas citadas por Jesus são todas retiradas do livro do Deuteronômio (8,3; 6,13 e 6,16), na seção em que Israel está no deserto. Apesar de enfatizar a humanidade e a universalidade de Jesus, Lucas não deixa, também, de destacar que em Jesus se cumprem as expectativas para Israel. Onde Israel falhou (no deserto, desobedecendo a Javé), Jesus (Lc 4,1-2), ao contrário, teve sucesso, sendo obediente ao projeto do Pai. Assim, Jesus aponta o caminho para um novo Israel – a Igreja de Deus, cujo alvo é seguir a vontade de Deus, realizar o projeto universal do Pai.

Vejamos, brevemente, o conteúdo de cada uma das tentações:

1) Tendo fome, Jesus é tentado a transformar pedras em pães (4,2b-4). Matar a fome não é crime, nem pecado. A situação, porém, é de Jesus jejuando como um ato religioso, uma demonstração de submissão ao Pai. Usar o seu poder para matar a fome seria um ato egoísta, uma negação da autoridade do Pai e a rejeição da obediência filial por Jesus. É interessante, também, relacionar esta tentação, e a resposta de Jesus, aos relatos da multiplicação dos pães. Para satisfazer as necessidades do povo, Jesus não se furtou de usar o seu poder. Jamais, porém, usou o poder para fins individualistas, egocêntricos.

2) A segunda tentação é a oferta do poder e da glória terrenos a Jesus (v. 5-8), em troca da adoração ao diabo. Jesus se recusa a prestar culto idolátrico. Somente Deus pode e deve ser adorado. Simultaneamente, a resposta de Jesus é uma negação, implícita, de que o diabo poderia lhe entregar os reinos deste mundo. Só há um Soberano sobre as nações: Javé. As palavras do diabo parecem ecoar os atributos do rei e do filho do Homem (v. Salmo 2,8 e Daniel 7,14). A atitude de Jesus, em relação ao poder, é bem diferente da atitude humana. Para Jesus, o poder é a oportunidade para servir e produzir vida. Como gerar vida, a partir da idolatria?

3) A tentação final, no Templo de Jerusalém (v. 9-12), possui uma peculiaridade: o próprio diabo cita as Escrituras (Salmo 91,11-12), a fim de induzir Jesus a exigir do Pai o cumprimento de suas promessas. Por isso a resposta de Jesus: não tentarás o Senhor teu Deus – extraída de Dt 6,16 – que indica a obediência de Jesus ao Pai, o oposto da atitude de Israel no deserto!

O relato das tentações mostra, portanto, que Jesus estava plenamente capacitado a realizar o projeto do Pai. Foi obediente ao seu senhor, e não se deixou seduzir pelas artimanhas do inimigo de Deus e da humanidade. "Por três vezes, tendo por arma só palavras da Escritura, cuja escolha mostra que ele tinha compreendido sua mensagem fundamental, Jesus repele o Adversário, recusando o programa de uma 'fé' desviada de sua visão profunda, a submissão só a Deus. Jesus sai vitorioso de prova que o qualifica para sua missão de 'novo Adão', na verdadeira obediência filial à Palavra de Deus" (C. L'Eplattenier, *Leitura do Evangelho de Lucas*, Paulinas, p. 47).

Desde uma perspectiva devocional, o relato das tentações serve para encorajar os cristãos e cristãs em suas lutas para viver de acordo com o projeto de Deus. Assim como Jesus, cheio do Espírito e repleto da Palavra de Deus, venceu as tentações e desafios para se afastar do projeto divino, também o povo de Jesus terá condições de vencer as suas tentações e lutas – cheio do Espírito e alimentado pela Palavra de Deus. No livro de Atos, Lucas apresenta vários momentos da Igreja e de líderes da Igreja, enfrentando e vencendo lutas, desafios e tentações – cheios do Espírito Santo.

1. Projetos globais em conflito

Na tentação de Jesus estão em conflito, fundamentalmente, dois projetos globais totalmente antagônicos. Um é o projeto *diabólico*, que se caracterizava, no contexto do Evangelho, pelo domínio imperial romano opressor sobre os povos conquistados – principalmente através da exploração da escravidão e do comércio (para detalhes, v. K. Wengst, *Pax Romana. Pretensão e Realidade*, Paulinas). Outro é o projeto messiânico de Jesus Cristo, que se caracterizava por uma lógica de *inversão*, explicitamente demonstrada no Magnificat (Lc 1,46-55; veja o artigo, neste número de *Estudos Bíblicos*), a partir do qual os oprimidos e oprimidas seriam libertados pelo Messias ungido pelo Espírito Santo (Lc 4,16-21; veja o artigo referente a este texto, neste número de *Estudos Bíblicos*).

Uma primeira releitura deste texto bíblico, portanto, tratará da questão dos projetos globais atuais. As Igrejas Cristãs no Brasil – e em todos os continentes – estão sendo seriamente confrontadas pelo projeto capitalista neoliberal. Na análise de H. Assmann, "o *fato maior* no mundo atual, e mais acentuadamente ainda em nosso país, é a adoção consentida, e celebrada como 'modernização', de uma férrea lógica da exclusão, que produz e perpetua uma assustadora 'massa sobrante' de seres humanos, tidos como economicamente inaproveitáveis e, portanto, objetivamente descartáveis. 'Objetivamente' significa aqui: dentro das regras e prioridades estabelecidas pelo sistema econômico imperante" (*Crítica à Lógica da Exclusão: Ensaios sobre economia e teologia*, Paulus, p. 20).

Este projeto, que pode ser denominado de *neoliberal*, corresponde, teologicamente, ao projeto diabólico contestado por Jesus. Apresentando-se com linguagem sedutora, com aparente possibilidade de sucesso e redenção da humanidade,

o projeto neoliberal tem praticamente se tornado o único projeto global divulgado e aceito na atualidade. O colapso do socialismo real só tem servido para reforçar as hipóteses ufanistas dos defensores do capitalismo. No Brasil, o governo Collor iniciou a implantação desse projeto "modernizador", e o governo até hoje segue na mesma toada. Ao que tudo indica, o Brasil seguirá no rumo neoliberal, patrocinando a *exclusão* de grande parte da população, sob a justificativa da necessidade de modernização e racionalização da economia. Na mentalidade neoliberal, a pessoa humana é secundária em relação ao sistema econômico, e o sacrifício de "algumas" vidas é visto como necessário para o bem-estar do "povo todo".

Diante desse projeto, os cristãos e cristãs são convocadas, pela Palavra de Deus, a assumir a defesa dos direitos dos *excluídos*. À luz do texto de Lucas, devemos destacar que, no projeto de Deus, Jesus assumiu o lugar dos excluídos. Assumindo a identidade adâmica e a peregrinação israelita no deserto, Jesus sofreu o destino dos excluídos, a fim de que ninguém mais tenha de sofrer essa "sorte". A vitória sobre o projeto diabólico, por Jesus, revela a face solidária e inclusiva de Deus, e propõe às Igrejas Cristãs que sejam solidárias e includentes – tanto em seus discursos, como em suas estruturas denominacionais e projetos pastorais locais. A nível teológico várias vozes já se têm levantado contra o projeto excludente do neoliberalismo – em especial os trabalhos de H. Assmann, F. Hinkelammert e Jung Mo Sung.

A nível das comunidades, vários encontros já foram realizados nos quais se perguntava como poderíamos, a nível local, enfrentar o projeto neoliberal. Algumas sugestões foram veiculadas: 1) abrir as comunidades cristãs à participação das pessoas e famílias "excluídas", as quais, na sua maioria, não fazem parte de comunidades cristãs organizadas; 2) redirecionar os projetos pastorais das comunidades, de modo a encontrar e apoiar os grupos sociais excluídos; ou seja, deixarmos de priorizar os grupos sociais organizados e priorizar os grupos sociais não-organizados; 3) rever conteúdos e métodos de leitura popular da Bíblia, de modo que os excluídos, na maior parte analfabetos e desorganizados, sejam o "lugar" a partir do qual as comunidades cristãs fazem a leitura das Escrituras, e tenham acesso à inspiração e esperança que encontramos na Palavra; 4) dialogar, debater e encontrar caminhos para a participação efetiva de negros, pentecostais e adeptos de religiões não-cristãs, nos projetos de mudança social nos quais comunidades cristãs tomam parte ativa; tendo em vista que a "ecumenicidade" do sofrimento e da exclusão é real, conseqüentemente, a resposta a esse projeto excludente também deve ser plenamente ecumênica.

Desde o ponto de vista da *motivação* para o trabalho cristão, precisamos destacar que a vitória de Jesus sinaliza a nossa vitória. Em vários encontros de estudo bíblico, temos notado a presença do desânimo, da incerteza e da perplexidade em vários agentes de pastoral – leigos e ordenados, católicos e evangélicos. Parece que a esperança está quase morta, nocauteada pelas derrotas políticas e ideológicas dos projetos populares. Assim como Jesus, porém, venceu a tentação, as comunidades cristãs e seus agentes de pastoral, alimentados pela Palavra, podem se encher de vida e esperança, e suplantar o projeto neoliberal. Provavelmente, nosso tempo não seja o dos grandes projetos, o das grandes vitórias, ou o das grandiosas utopias, mas certamente é ocasião para as pequenas e fundamentais vitórias da solidariedade e da justiça; tempo de reconstruir utopias a partir da *inclusão* concreta das pessoas na vida evangélica.

2. Vencendo a fome

Dentro da lógica de exclusão do projeto neoliberal, a fome é uma das características mais marcantes do sofrimento das grandes massas populacionais. E o problema não é a falta de alimentos, mas a sua má distribuição, o seu uso para o enriquecimento e a acumulação. Os excluídos são as pessoas que não têm acesso aos alimentos produzidos. Como conseguir alimentos se vivem no desemprego? Como conseguir alimentos com os padrões salariais existentes? Como conseguir alimentos, com os preços que sobem cada vez mais – entra "plano" sai "plano" e essa realidade diabólica não muda? A fome é um dos maiores problemas mundiais, e atinge níveis alarmantes também no Brasil. O grande milagre que o capitalismo realizou para as pessoas excluídas foi: transformar pães em pedras!

Como Jesus, nós não precisamos transformar pedras em pães – afinal de contas, estamos bem alimentados e nutridos. Precisamos, sim, tirar as pedras do caminho dos alimentos até a mesa dos grupos excluídos. Só que para isto acontecer é necessário mais do que campanhas ocasionais. A Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria tem de continuar, e se transformar numa atitude constante das comunidades cristãs comprometidas com o projeto libertador. De campanha ocasional, a luta contra a fome deve se transformar em item permanente de nossas agendas pastorais, tanto a nível de assistência, como a nível de enfrentamento das causas. É tempo de, como comunidades cristãs, trabalharmos para a realização de projetos alternativos de produção e distribuição de alimentos. É tempo de apoiarmos as iniciativas de alcance estrutural que garantam uma renda mínima para a população "carente", e que erradiquem de uma vez a fome de nossa terra. Uma ação política, apoiando projetos como o projeto de "renda mínima" do senador Suplicy, ou o projeto contra a fome, do PT, se faz necessária – independentemente das preferências político-partidárias dos membros das comunidades cristãs. A fome é ecumênica, e somente uma ação política ecumênica solucionará esse problema.

A nível cultural e ideológico, as comunidades cristãs precisam ser agentes de geração e divulgação dos valores da solidariedade e da partilha. Os meios de comunicação de massa têm tido muito sucesso em transmitir os valores do egoísmo e a ideologia do "cada um pra si e Deus pra todos". Tendo como arma a Palavra de Deus, temos de colocar em nossas agendas pastorais a luta pela difusão do direito à vida e alimentação de toda a população, e não apenas das pessoas que fazem parte do mercado neoliberal. A Palavra é inclusiva: o pão é para todos os que dele precisam.

3. Reinventando as relações de poder

Uma tendência de boa parte das lutas populares, seguindo os padrões da política tradicional, tem sido a de encarar o poder de forma autônoma e instrumental. Alcançar o poder torna-se o objetivo, o alvo da organização popular. Pensa-se que, alcançado o poder, então teremos os instrumentos e a possibilidade de realizar as transformações estruturais desejadas. Séculos e séculos de história humana indicam que o poder, uma vez alcançado, possui uma espécie de "magia própria" – como diz o ditado: "o poder corrompe"! Além disso, pesquisas mais recentes têm demonstrado que o poder não é *algo* que se possui. O poder é, melhor entendido, uma relação de forças. Neste sentido, todos têm poder. As teias do poder se estendem desde os setores mais altos da hierarquia social, até os níveis mais rasteiros das sociedades humanas.

Essa visão estratégica do poder ajudou-nos a perceber que mesmo entre os pobres, marginalizados e excluídos há relações injustas de poder. Nas famílias, por exemplo, o poder do *marido/pai* funciona de forma opressora na maioria dos casos. Nas estruturas eclesiásticas, o acesso ao poder é vedado à maioria das pessoas – em alguns casos, a discriminação racial, intelectual e sexual é mais do que evidente! Vários estudiosos já perceberam que em igrejas de tipo "neopentecostal", que atraem grandes contingentes das pessoas excluídas, o poder "pastoral" é exercido de forma tirânica e manipuladora. Poderíamos multiplicar os exemplos, mas não vem ao caso. O que importa é destacarmos que o poder não é uma realidade "política" autônoma. O poder possui sua dimensão religiosa, e seu componente idolátrico. Desde uma perspecrtiva teológica, o relato da Queda, em Gênesis 3, pode ser lido nesta perspectiva, e revelar que a busca pelo poder é "co-natural" ao ser humano. Poder "ser como Deus" é a dimensão profunda do poder, e é aí que reside todo o seu potencial idolátrico e demoníaco.

No âmbito das comunidades cristãs cabe, portanto, o desenvolvimento de uma pedagogia do poder. O poder precisa ser domesticado, humanizado e colocado a serviço do Reino de Deus. Para que isto aconteça, é fundamental que reinventemos as relações de poder na comunidade. Não só a nível dos cargos e funções, mas, principalmente, ao nível das relações humanas mais amplas. Individualmente, os membros das comunidades têm de checar como exercem o poder de que dispõem. Comunitariamente, precisamos sempre reavaliar as relações e estruturas de poder entre nós. Este é um ponto delicado e complicado. O ser humano tende a ser "tradicionalista" e a preservar formas "seguras" de convivência e organização. Nas Igrejas, esse padrão tradicionalista é acentuado e principalmente os membros do "clero" (seja católico, seja evangélico) tendem a assumir o poder como uma "segunda natureza", e não percebem o caráter idolátrico e desumano do seu exercício do poder.

No campo da leitura popular da Bíblia, a utilização cada vez mais ampla e consciente de formas de pedagogia popular pode ser uma força importante na reinvenção das estratégias de poder eclesial. Sempre de novo precisamos reavaliar a relação entre os "assessores" e os leitores "simples" da Bíblia. A leitura popular não é só a que se faz "a partir do povo", mas aquela que é feita pelo povo – e não é tão raro assim que o povo das comunidades seja "dirigido" em sua leitura pelos profissionais da Palavra. Em vários grupos de estudo comentamos sobre o fato de que as respostas às perguntas motivadoras de leitura bíblica tendem sempre a se repetir, ao ponto de em vários lugares a vontade de ler a Bíblia estar se esvaindo. O grande risco que corremos é o da "leitura popular" se tornar em um dogma, e perder a sua força criativa e libertadora. O poder que vem do "saber" possui uma dimensão idolátrica impressionante. Temos de nos cuidar. Afinal de contas, também o diabo soube usar a Palavra a fim de desviar Jesus do projeto de Deus. Não é só entre os "de fora" que esse risco se concretiza. Também entre nós, que fazemos leitura libertadora, a tentação se manifesta e pode se concretizar.

PARA RETOMAR A CONVERSA

Como disse no começo, este artigo não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de releitura de Lucas 4,1-13. Traz apenas um aperitivo, um convite à leitura mais rica e mais criativa nas comunidades. O que este texto mais falou a mim, pessoalmente, é que a tentação está sempre diante de nós e assume novas formas e reaparece cada vez com novas forças. Por isso, não podemos nos acomodar com as conquistas já alcançadas a nível pessoal, pastoral, ou comunitário. Em

particular, aqueles de nós que se dedicam ao estudo e ensino da Palavra, precisamos caminhar em constante vigilância, para que nosso ministério não se torne um obstáculo para o avanço das comunidades e do projeto libertador. Cabe a nós lutar para que a nova leitura da Bíblia jamais se transforme em letra morta, mas permaneça como espírito vivificante e transformador.

Júlio Paulo Tavares Zabatiero
Caixa Postal 1510
86001-970 Londrina – PR